

ALOYSIO DE CASTRO

**AUGUSTO MURRI**  
**E A MEDICINA CLINICA**

(PRELECCÃO NO CURSO  
DA 4ª CADEIRA DE CLINICA MEDICA  
DA FACULDADE DE MEDICINA  
EM 1933)

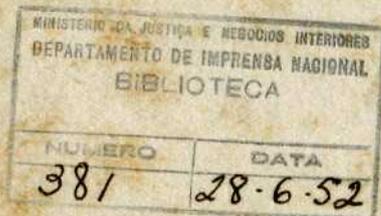
926.1  
M 97.9.4c

EDITORA GUANABARA — RIO DE JANEIRO

1•9•3•4



UMA bella tarde, faz alguns annos, na douda Bolonha, percorrendo a cidade com o espirito volvido para aquelle passado ainda alli vivo em tantas arremessadas torres, eu me comprazia em ouvir os commentarios do cocheiro que me levava em seu carro. O cocheiro, na Italia, tem characteristics proprias. Throneia na boléa. Amavel, divertido e fallastrão, entende-se com o cavallo e conversa com o passageiro. Dando um salto para o presente, perguntei de chofre ao automedonte



si acaso conhecia Augusto Murri. Revirado para mim o homem sorriu, contente de que um estrangeiro lhe fallasse de uma das glorias da sua cidade. Si o conhecia! Luz da Universidade, summo professor, flor dos clinicos. Que medico! Que sabedoria e que bondade! "Mas..." e aqui eu esperei pela restricção com que em geral se acabam todas as apologias. "Mas que quer o senhor? Nem por isso se morre menos em Bolonha do que no resto do mundo..." E repetia, estrallejando no ar a ponta do chicote: "Esta é a verdade!" Eu tenho sempre em muito boa conta as reflexões dos cocheiros, muitas vezes mais profundas que as de muito philosopho patentado, desses que estarrecem as gentes, tanto mais admirados quanto menos entendidos.

O meu cocheiro, esse ao menos fallou claro. Emquanto Jean Jacques Rousseau e outros da mesma polpa inventavam argucias para distinguir entre a arte e o artista, a medicina e o medico, tolerando a primeira e execrando o segundo, o cocheiro philosopho cantava as lóas ao clinico, pondo-o nas nuvens, mas reconhecia, no computo final, a insufficiencia medica para livrar da morte a humanidade.

Entretanto, esse grande clinico a cujo respeito vos narro esta historia veridica foi, no scenario da medicina contemporanea, um dos que mais concorreram para alargar o ambito dos seus objectivos praticos na cura dos doentes, e com o exemplo soube doutrinar aos medicos que dessem o melhor de si mesmos "para

tornar mais nobre e menos infeliz a vida humana.”

De facto, Augusto Murri, que ha pouco falleceu nonagenario, teve sempre por mira no seu longuissimo exercicio de clinico e de professor, pôr as conquistas da sciencia ao serviço da medicina pratica, comprehendendo nos seus justos fundamentos os fins precipuos da arte medica.

Dos mestres sob cuja inspiração, desde a mocidade, eduquei meu pensamento medico, poucos me deram tão viva impressão de grandeza como Augusto Murri, e os que me acompanham nesta Cadeira bem sabem que de longa data puz em praxe no magisterio clinico muitos dos preceitos da escola boloniense. Por isso, quando agora nos reunimos pela primeira vez nesta enfermaria, depois da morte de

Murri, tenho por dever levantar o espirito na sua alta lembrança, trazendo-vos em transumpto o seu conceito sobre a medicina clinica.

### EVITAR O ERRO

Vive o medico a patinhar no erro. *Judicium difficile*. Mova-nos isso ao esforço por acertar no diagnostico dos males e no tratar dos doentes. Conhecer, conhecer bem para reconhecer, eis ahi o fundamento da educação clinica. Mas as difficuldades, tantas e tão varias, confessemol-o ás claras, só em parte, poderão ser vencidas. A esse grande observador, que viveu á cabeceira dos doentes, quando os muitos annos de lição e experiencia lhe deixavam imaginar que era senhor de taes emba-

raços, lá lhe apparecia um doente que, no seu dizer, lhe punha o cerebro em torturas e lhe punia a immodestia. Velho no ininterrupto exercicio clinico, ainda assim era capaz de errar no problema diagnostico. Bella advertencia para a ridiculez de certas infallibilidades.

Aqui Francisco de Castro: "O erro é o flagello da humanidade, envenena as fontes onde a intelligencia se retempera, enxovalha o esplendor das mas bellas theorias; e si é tal a porcentagem delle nos productos do espirito douto, qual não será ella quando entre o medico e a sciencia medica a indifferença ou o ocio houver levantado uma muralha chinesa?"

Uma longa vida não bastaria ao conhecimento directo de todas as especies morbidas, na infinita variedade das suas

formas e occorrencias. Seculos de observação clinica, entre construcções, desabamentos e reconstrucções, estabeleceram o edificio cyclopico da nosologia actual. Dir-se-ia nada restar por descrever e classificar. Eis porque, de ordinario, no examinar o doente, já como levamos o proposito de applicar-lhe ao diagnostico uma formula conhecida, e nos desconcerta a surpresa si o caso se não adapta aos quadros estatuidos. E' que a medicina não cabe toda nos tratados de pathologia. Formas, typos, modalidades, associações, combinações, com a infinita variação individual do organismo vivo, tudo traz imprevisto ou empresta novidade ao já conhecido. E que de vezes não encontramos nome para rotular numa unica expressão diagnostica o conjuncto dos elementos

clínicos observados no doente. Comtudo deve haver extrema diligencia no individualizar o diagnostico, consoante as condições de cada caso, precisando-se quanto possivel a categoria do mal, em vez de nos contentarmos com diagnosticos superficiaes, de mais ou menos, com denominações vagas e genericas, applicaveis a numerosos estados morbidos, congeneres ou approximados, formulas vazias e desprovidas de espirito scientifico.

Seja como fôr, primeiro observar, auscultar os factos com rigor de provas, para depois concluir, sempre com prudencia nas illações clinicas. Tanto conduz ao erro uma inexacta observação, como uma interpretação falsa de factos porventura bem reconhecidos e analysados.

Todos elles requerem exacção no exa-

me: não ha por isso factos despreziveis nem distincções de phenomenos singelos ou complexos. Dir-se-ia cousa de no-nada a simples mudança na direcção do movimento do pollegar do pé pela excitação cutaneo-plantar. E, entretanto, todos o sabem, esse pequeno signal descoberto por Babinski, em 1896, foi de grandissimas consequencias em clinica.

Um phenomeno aparentemente insignificantante póde encerrar complexidade na interpretação. E como os factos não são sempre susceptiveis da contra-prova experimental, a garantia do clinico está no poder da sua faculdade logica, exercida a cada passo. Não é o mesmo, diz Murri, olhar e ver. "Olar, muitos olham, mas pouquissimos vêem". Porque ver é perceber e interpretar.

Porventura bastaria ao bom medico a pratica segura dos methodos physicos e functionaes do exame clinico? A resposta é de Murri: "Nada mais falso. A longa experiencia do ensino m'o demonstrou". E' indispensavel "a disposiçao intellectual para a analyse mais minudente e para a critica", por onde se reconhece e separa o possivel, o provavel e o certo. Não basta poder admittir uma causa na explicação de um phenomeno, impõe-se excluir as outras. Essa tendencia de nos satisfazermos "com a primeira explicação *possivel*" é condemnada por Murri como "um dos vicios mais perniciosos do nosso espirito". O diagnostico não póde ser uma formula indeterminada e imprecisa, que abranja uma infinidade de cousas, nada indicando afinal e apenas encobrendo com sonoras palavras um fundo

de ignorancia. Para valorizal-o com a precisão, só o trabalho differenciativo, que exclue pela analyse as hypotheses cabiveis de discussão em cada caso. Pode dar-se que apenas uma hypothese se offereça. Muito bem. Admittamol-a. Mas essa conclusão, que nos parece directa, "é como todas as outras uma affirmação parcial, na qual está inclusa a negação de tudo mais". Esse caso da hypothese unica é, aliás, em clinica, a excepção. Na eliminação das possibilidades o essencial está sempre no criterio com que é feita. Precatemo-nos, eis o grande conselho de Murri, da seducção a que nos leva a facil eliminação das hypotheses no exame: não as devemos excluir sem poder demonstrar o porque da exclusão.

Minha experiencia indica que, em geral, nos medicos moços (e não raro nos de

antigo tirocinio), qualquer que seja o caso, ha sempre tendencia para encarar de inicio as hypotheses mais complicadas e menos communs, quando deve ser precisamente o contrario, admittindo-se por começar a hypothese mais trivial e a especie mais frequente.

Complicam-se assim, muitas vezes, cousas simples. E' que a muitos parece pouco um diagnostico singelo e enfeitado de nomes novos e gongoricos é progresso para os ingenuos.

Mas na seriedade do ministerio medico não se podem admittir phantasias ou licenças. Nossa liberdade na arte do diagnostico é sempre limitada e ainda aqui cabe a lição de Murri: "Ella não pode ficar ao arbitrio das imaginações de cada um, mas, ao contrario, deve resultar de noções exactas e

certas, que possam ser applicadas por todos, nos casos analogos".

Verificar com justeza os phenomenos morbidos, com o exame apropriado, é sempre a primeira diligencia imprescindivel. Mas essa technica não conduz ao fim sem aquella outra tão fundamental e tão mais subtil, a que Murri nomeava "*a technica do raciocinio*".

Nesse trabalho de critica medica por estabelecer o diagnostico está, de facto, a pedra de toque do clinico, que consegue "ver o invisivel e palpar o insondavel", na expressão de Francisco de Castro.

Nem se supponha que com a moderna orientação profissonal, multiplicando (desnecessariamente em muitos casos, digamol-o sem rebuços) os exames de laboratorio, se suppra a argucia clinica. Tal tendencia hoje

em dia vae de certo modo promovendo uma falsa egualdade entre os medicos. Não falta até quem avalie o preparo do medico pelo numero de ensaios e provas a que submetta o cliente, virado e revirado do avesso por tantos especialistas. Com tantas reacções de uma, duas e tres cruces, disse um grande clinico, Cardarelli, a medicina se fez um calvario.

Afinal, si tudo se limita a ler cifras e graphicos nos exames experimentaes, já não ha logar para as grandes intelligencias na clinica. A verdade, porém, é que os progressos obtidos nas pesquisas experimentaes de nenhum modo dispensam o poder da analyse clinica directa com o seu discernimento logico. Não se supprima no clinico a personalidade. Com as suas faculdades proprias cada um se orienta

por seu modo no diagnostico e na therapeutica.

O exercicio critico será sempre o caminho e a directriz do medico pratico para alcançar a conclusão, e por isso, definindo a orientação do seu espirito clinico, confessava Murri: "A minha obra é essencialmente critica"; felicitando-se quando o tinham, mais do que isso, por "hypercritico". "Si eu pudesse aspirar a um louvor, nenhum me seria mais desejavel do que essa censura."

No homem doente o phenomeno total tem que ser primeiramente decomposto e depois recomposto, na apreciação do conjuncto. Na concatenação dos numerosos phenomenos morbidos, de natureza e condição diversas, presentes em cada caso, bem verificada primeiro a sua existencia real, bus-

cada a sua origem, serão elles perquiridos por todos os modos, com o auxilio das diversas sciencias, estabelecidas as suas relações e affiliados entre si. Mas tenhamos presente que o valor de um facto clinico está antes na sua associação com outros do que no que representa intrinsecamente considerado, e os phenomenos morbidos podem ter significação variada segundo vêm juntos ou á vez. Os signaes pathognomonicos, tão expressivos por si mesmos que dispensam maior analyse para a conclusão, esses são raros.

Pedem os factos, para bem comprehendidos, observação pessoal, directa, attenta, minuciosa, destituida de idéas preconcebidas. Veja-se o que fôr e como fôr. Não se tem o direito de recusar um facto quando porventura o não possamos entender e

interpretar na sua natureza e no seu mecanismo. Existe: reconheçamol-o. A interpretação virá no seu dia. Muitas vezes factos analogos nas características da sua exteriorização podem ser susceptíveis de significado diverso, consoante os casos: a identidade de representação não presuppõe de per si só egualdade de condição. Observar com exactidão, concluir com logica.

A sciencia é uma religião sem dogmas, em que tudo deve ser demonstrado.

Esse habito mental do methodo critico se justifica no conceito do grande mestre de Bolonha: "Na clinica como na vida é necessario um preceito primordial: tudo o que se affirma e parece verdadeiro pode ser falso". Assim, antes de crer, indagar das razões que farão crer. Para tal se fugirá do

que elle chamou “a mais terrivel doença do espirito”, a credulidade.

### DUVIDAR

A duvida, “o demonio benefico”, de Huxley, é o caminho para a certeza. Quando, dia a dia, assistimos ao passar de doutrinas que se diriam alicerçadas na verdade, não nos podemos furtar á tendencia de descrever. Mas o scepticismo é sempre um mal. Como obviar-o? Não se aceitem os factos sem mais exame; “duvidar antes de crer”; cirticar com liberdade de espirito e só então concluir. “Ha medicos”, ponderava Murri, “que se contentam com qualquer interpretação; mas outros são mais exigentes e tresuam para alcançar uma interpretação exacta. Os primeiros, de ordinario, inspiram ao publico maior fé, porque o publico, des-

tituido de espirito scientifico, não aprecia a hesitação e a reserva nos juizos”. Agora a conclusão do velho sabio: “ Eu sempre me esforcei por dar aos meus alumnos esta segunda direcção”. Ahi está, a meu juizo, um grande ensinamento. Murri não ignorava que esse duvidar a cada momento, duvidar para bem concluir, acaso será tido como capaz de actuar no animo dos estudantes, tornando-lhes no futuro a mão incerta e hesitante o juizo clinico. “Mas a hesitação é preferivel ao erro, a inacção menos danosa que um tratamento inadequado”.

Entendamo-nos, porém: a duvida é aqui um meio de obrigar ao raciocinio seguro, para garantia da affirmação posterior. Não é a duvida dos fracos, a dos que não querem nunca affirmar para nunca definir uma attitude. Não é tão pouco a duvida

systematica, essa especie de horror da certeza. E' a duvida racional, "a duvida do sabio", a do que quer concluir bem, com firmeza e exactidão, não por conjectura adivinhação ou palpite, mas em condições de poder demonstrar o que concluiu. Duvidar "até o momento em que fôr vencida a ultima objecção ao juizo". Erra-se muito menos assim, ensina Murri. E assim se pode exercer a clinica com a consciencia em paz. Não esqueçamos que ha erros inevitaveis e que nem sempre alcançará o clinico conhecer e definir o mal. Digamos com Francisco de Castro: "Não ha, não haverá nunca medicina mathematica, que consinta no problema clinico, complexo como a vida, de que elle é apenas uma expressão fragmentaria e fugitiva, o rigor das equações na simplicidade dos signaes algebricos". E então? Então, "em se-

melhantes condições, coagido, diante da fatalidade do erro, por lição de sabedoria e consciencia, a renunciar a tentativas sem fructo na esphera da razão empirica, assiste ao espirito o direito de duvidar". (Francisco de Castro).

## OLHO MEDICO

"O diagnostico é um calculo" (Murri) e nem todos os calculos são para repentens. Comtudo entre os leigos se aprecia e se louva a promptidão no formular o diagnostico, distinguindo-se nos clinicos os que têm "*olho medico*", essa faculdade intuitiva que logo ao primeiro golpe de vista, como por artes de adivinhar, permittiria reconhecer o mal.

Não são raras as vezes em que um simples indicio, já no interrogatorio nos ins-

true sobre habitos do examinando ou sobre as condições da doença; e si damos a conhecer, por antecipação, um justo conceito sobre a marcha da mesma, logo nos firmamos na confiança do doente. Reconhecemos que em certas occasiões pode haver nisso circumstancia favoravel ao tratamento, em que entra por muito a fé. Mas toda a prudencia é pouca. Um passo além e estão em causa charlatanismo e burla.

Não me furto ao prazer de exemplificar com a historia romanceada por Camillo Castello Branco, "o divino Camillo", no *Judeo*. Era o caso de dois medicos, um muito opinado e de larga clientela, porque adivinhava os males dos doentes, outro a marcar passo na profissão. Pediu este ao primeiro lhe ensinasse o segredo da prosperidade, por que muito embora tivessem os dois estudado

pelos mesmos livros, a sorte na carreira não lhes ia por igual.

"Meu amigo", lá disse o primeiro doutor, "eu não adivinho: o que faço é espreitar sagazmente certas cousas que, ao parecer dos estupidos, são extraordinarias. Por exemplo: entro na alcova de um doente: sei que está ali uma rapariga incapaz de observar a abstinencia prescripta; casualmente descubro ao pé do leito um caroço de azeitona ou uma casquinha de laranja; tomo-lhe o pulso, e digo-lhe: "a menina comeu disto ou daquillo?" e vae ella nega, e eu insisto; ella córa, e eu teimo. Ahi está logo toda a familia persuadida que eu adivinhei. E á imitação deste caso os outros, meu caro collega, são assim naturaes e simples".

Ora logo tratou o outro medico de pôr em pratica o conselho. Está á cabeceira de

um doente, e enquanto lhe inspecciona a lingua espraia o olhar em torno, descobrindo espigas de feno sob o travesseiro. Grande achado. E eil-o a afirmar ao doente vir-lhe o mal do feno que comia. "Feno?" indaga o paciente. "Sim, feno!" affirma o olhiagudo facultativo. Já se prevê que o caso acabou em toma lá, da cá, passando ás ultimas, desavindos, medico e cliente.

Mas tornemos ao serio. Olho medico? Intuição clinica? Responde Murri: "São phrases de um valor inestimavel para os que necessitam occultar sua incapacidade de observar e raciocinar correctamente."

Não se desmente na clinica, antes se confirma, a lição do proverbio que faz inconciliavel na pressa a perfeição. Ainda Murri: "*Il far presto e il far bene non son la stesa cosa*". Quantas vezes está no açoda-

mento a causa de observações defeituosas, insufficientes ou falseadas, e portanto, imprestaveis. Em muitas occasiões, é certo, cumpre andar prestes, e ai do medico que quizer vagares no diagnostico dos casos tão numerosos, de premente indicação operatoria. Uma cousa, porém, é juizo prompto, mas estribado em exame severo, outra cousa diagnostico feito ás pressas, baseado em meros indicios.

Tambem se quer urgencia quando é caso de observar signaes de pouca duração, que podem, entretanto, ter importancia diagnostica. Entra aqui o conselho de um grande medico, que sempre me apraz citar, e devemos por igual prezar como escriptor elegantissimo, Francisco de Mello Franco, o qual no seu *Ensaio sobre as febres*, publicado em 1829, entre tantos ensinamentos

clínicos de ordem geral, ainda hoje validos, dizia com precisão: “E’ preciso observar por si mesmo e com muita attenção: o tempo é pouco e perdido não se recupera”.

Mas feitas essas resalvas, não se justifica exame apressado pelo simples gosto de diagnosticar rapidamente. Que de doenças pedem, para diagnosticadas, uma seguida observação de meses!

Nessas que se retratam em características anomalias morphologicas e nas quaes a *facies* do paciente é como um cartaz que tenha impresso em letras graúdas o nome da doença, o exame vem a ser complemento de um juizo já formado. Mas nestes e noutros casos, nos quaes logo de inicio, numa rapida olhada, temos a exacta visão clinica, não entra em jogo nenhuma faculdade especial, nenhum penetrante, “olho

*medico*”. Essa presteza, que muitas vezes tem ares de adivinhação, pondo em claro cousas inscrutaveis, não exclue o exame e não é, no admiravel dizer de Murri, “senão uma inferencia justa de observação rapidissima, mas exacta”. O que ahi intervem é a pratica do medico e esta, ao que a possuir extensa, não só lhe dá a ver, num abrir e fechar de mãos, os signaes presentes no caso concreto, como lhe faculta analysal-os immediatamente com precisão, habilitando-o a concluir sem demora. Tudo está aqui nas condições do exercicio individual, que aperfeiçoa os instrumentos da critica. Ainda neste particular buscaremos lição em Mello Franco: “Tudo isto só com a pratica se aprende, a qual põe o medico em estado de alcançar com uma vista d’olhos o que outrem não experiente por mais que exa-

mine nunca vê: não basta pois muitas vezes ter olhos para vê: é preciso que elles tenham essa aptidão". Diremos nós: olhar com olhos de ver.

Mas, como doutrinava Francisco de Castro, "é certo que entra nessa operação *analytica*, um pouco da aptidão *ingenita* do observador, um pouco desse *producto*, porque assim o digamos, do *inconsciente* que todos trazemos como a mais solida camada da nossa organização *psychologica*".

Como quer que fôr, nunca se dispensará o exame clinico convenientemente executado, ainda quando logo de entrada haja signaes que auctorizem o diagnostico. Uma impressão de começo não poucas vezes se modifica de todo, reconhecida por falsa, vindo a orientar-se noutro rumo,

conforme o exame, o raciocinio. E por outro lado, bem póde acontecer e acontece com frequencia que, a par de um mal paciente ao primeiro exame, se venha porventura descobrir outra doença, até ahi despercebida.

## O MEDICO PRATICO

Em toda parte se procura, em medicina, distinguir do homem de sciencia o medico pratico. Valerá a distincção? Que é o medico pratico? Porventura o que se exercitou na observação pessoal de muitos doentes e, fazendo *lettra morta* da *theoria diagnostica* por simples *pratica adquirida*, desempenhando-se mais ou menos empiricamente do seu *mistér*? Ninguem dirá que o mero lidar com doentes confira ao

medico a indispensavel competencia. De nada vale a observação, desacompanhada do conhecimento scientifico que permitta interpretar os factos clinicos observados. "O ver muito", diz Murri, "é sem duvida optima cousa, mas inutil quando não se sabe ver bem". Bom medico será, pois, o pratico sapiente. Não basta a experiencia pessoal que, por extensa que seja, não póde abrir mão da experiencia alheia.

Buscando como principal escopo do seu ensino clinico formar bons medicos praticos, desses "que façam pelos doentes o melhor que humanamente seja possivel fazer", o summo clinico de Bolonha considerava insustentavel a separação acima mencionada e confrontava a differença entre a pratica e a theoria no expressivo e elegante exemplo do espe-

ctador que entra no theatro quando já em meio a representação dramatica. Eis desposados, na tragedia antiga, Edipo e Jocasta: "Por que factos se preparou essa união? Que relações existiam entre os dois? Que consequencias advirão desse amor? A parte do medico pratico não é a do poeta que concebe a tragedia e a escreve, nem tão pouco a do actor que encarna Edipo: é a do espectador que deve por uma scena recompor todo o acontecimento. Acerca-se do doente quando já o processo do mal evolueu em grande parte e ainda deve evoluer. Que fará por conhecer o que existe e perquirir a causa do facto presente e prognosticar a futura sorte do paciente?" Não se póde chegar a taes resultados sem a vasta e complexa instrucção medica. Quão diversamente se



póde interpretar a scena e conjecturar sobre os antecedentes e consequentes. Como varia para o medico a difficuldade conforme o passo em que vae o drama! Este chegou no começo, tudo ainda indeciso, não manifestados factos morbidos de apparecimento tardio e insufficientemente desenvolvidos os mais precoces. Este outro veio no fim, todas as personagens em scena, tudo explicito, cabal e patente. Quem não terá visto, em casos graves e prolongados, successivamente a cargo de varios medicos, o facil applauso dos leigos ao que chegou por ultimo e, encontrando o processo da doença em adeantada evolução, teve ao seu dispôr para o diagnostico elementos que faltaram aos primeiros assistentes? Esse o vencedor: chegou, viu, venceu. O publico se admira

de que os outros não tivessem visto. Ainda bem quando ao vencedor a ebriez da victoria lhe não faz exclamar perante os circumstantes boquiabertos: "Si me houvessem chamado mais cedo!" Mas deixemos em silencio os que com censura dissimulada e injusta não sabem prezar a reputação dos seus collegas.

Theoria e pratica andem assim de mãos juntas. "O segredo do triumpho no exercicio da medicina não está todo em possuir grande saber, nem no ter visto grande numero de doentes. Duas condições utilissimas sem duvida: mas o essencial é o meio termo, isto é, a faculdade de applicar as noções já adquiridas em cada caso singular." Bellas palavras de Murri. A sabedoria medica é, em verdade, o resultado da doutrina e da pra-

tica, e a erudição, de que tantos fazem praça, é por si só insufficiente e infructifera. O scepticismo de certos medicos, ainda que eruditos, não é senão a resultante da sua ignorancia no terreno pratico.

### THERAPEUTICA

Não ha por certo condição mais desfavoravel para o clinico do que o scepticismo therapeutico. E si o doente o reconhece naquelle a quem se confiou no tratamento, está perdida pela metade a efficacia deste. A medicina é cada vez mais poderosa nas armas da therapeutica, que em casos se diria opera milagres, com os recursos modernos de que dispõe. A fé nos remedios é tão grande cousa para o doente que os toma como para o medico

que os receita. Mas ha remedios e remedios. Professor clinico, Murri se prezava de não limitar o seu magisterio ao simples estudo das doenças, ao mister didactico, sentindo-se sempre obrigado "a fazer alguma cousa pelos doentes". Esse beneficio não se limitava, porém, á prescripção dos adequados meios curativos, mas abrangia outro escopo, de não menor conta, defendendo os que se lhe confiavam aos cuidados contra as especulações dos tratamentos favoneados pelo charlatanismo therapeutico.

O mal é de todas as terras e de todos os tempos. Contra elle nos devemos levantar. Que se vê por ahi? Para cada doença uma infallivel medicação, um remedio soberano. Formular? De que vale a canseira de dosar medicamentos para

attender ás reacções individuaes de cada caso? Ha remedios feitos. E' mais facil e, ao que parece, mais elegante. A medicina fica assim como cousa ao alcance de todos. Si está em proverbio que de medico e de louco todos temos um pouco, agora se dirá que muito temos todos de medico. Outros resolvam si tambem será caso de mudar para o augmentativo o final da locução popular. Pois é isto: basta ler os annuncios dos jornaes e applicar o remedio segundo as indicações do rotulo. O que além do mais (e não é pouco) dispensa o pagamento de honorarios medicos.

Em toda parte a industria dos medicamentos veiu a ser, com o tempo, uma das maiores fontes de lucro. Dahi drogas para tudo, sob todas as formas, nas mais esdruxulas combinações. Já não é pouco

reter o nome de toda essa pharmacopolia, dizia eu, em 1925, num discurso nesta Faculdade. Seja-me concedido repetir, tão a proposito vêm, minhas palavras de então: "A imaginativa pharmaceutica desprezou a latinidade (já os medicos não prescrevem em latim) e prefere agora inspirar-se na phantasia das terminações bem soantes. São remedios em al, ol, il, an, in, on. O peor é que está passando nos usos receitarem-se preparados de que só mui por alto se conhece a composição, quando se conhece. O essencial é serem novos. O melhor? O mais moderno." Continuando, dizia eu: "O de que vos estou premunindo é dos perigos dessa embrulhada therapeutica, que a industrialização pharmacologica vae dia a dia favorecendo.

Que melhor exemplo para o caso que

o do tratamento da syphilis? Tinha um especifico a doença. Ainda bem. Agora possui varios. Optimo. Mas já se fazem associações entre elles. Que tal? A prateleira das pharmacias vêm abaixo com as preparações mercuriaes, arsenicaes e bismuthicas, actualmente existentes. Crêdes, porém, que se busca entre ellas um criterio de escolha, attendendo-se com diligencia á dose do medicamento, ao periodo de evolução do mal e á sua forma, á condição primordial da oportunidade, tudo segundo as circumstancias particulares de cada caso? Nenhumamente. Medicos e leigos, todos mui a commodo se julgam experientes na materia, e afinal o que se vê na pratica é como um bruto empirismo. Em doentes nos quaes só o especialista devêra conduzir o tratamento, injectam-se á carga cerrada saes soluveis e in-

soluveis em doses quasi sempre immoderadas, combinam-se á vontade, sem nenhuma indicação clinica, os varios especificos, e assim por diante. Quantos exemplos, em tantas outras doenças, poderiam ainda comprovar essa rizivel e perniciosa anarchia em certos dominios da therapeutica.”

Cada dia se faz, pois, mais urgente livrar a therapeutica do descredito a que a conduz a exploração puramente mercantil de muitos preparados de todo imprestaveis, quando não nocivos, com prejuizo da seriedade da profissão medica.

Por outro lado, ainda quando seja caso de medicamentos recommendaveis, o que se vê é que a applicação do protectionismo á industria pharmaceutica difficulta ou impede em nosso meio o emprego de efficazes preparados estrangeiros.

Proteja-se o que é nosso, dirão. Proteja-se. E mais que tudo a nossa saúde. Assim, si em muitos casos não soffre duvida a superioridade de productos medicamentosos fabricados no exterior, é tristemente anti-patriotico privar a nossa gente do seu uso, onerados que se acham com taxas exorbitantes, sob o surrado pretexto de protecção á industria nacional. O proteccionismo só pôde ser aceito, em caso desta natureza, com as garantias de regulamentação baseada em criterio scientifico, para nos não subtrair ao beneficio de medicamentos, quando porventura mais indicados que os similares nacionaes.

### CONCLUSÃO

Augusto Murri foi incontestavelmente uma das mais celsas figuras clinicas no

fim do seculo passado e do começo deste, e a sua reputação desde muito se fizera universal.

Premiado em Florença no curso academico, em 1864, viajou para estudar, e discipulo de Frerichs e de Traube, ganhou na escola alleman o gosto da pesquisa exacta e da critica profunda. Em 1870 era assistente de Guido Bacelli. Aos trinta e cinco annos, em 1875, inicia o seu magisterio na clinica medica de Bolonha, recolhendo a successão do grande Concato. Alcançado o limite regulamentar de idade, deixa a cathedra em 1916, não abandonando entretanto a sua prodigiosa actividade clinica. Sem rememorar por miude os seus trabalhos, impõe-se referencia aos tres volumes dos *Scritti medici*, estampados em 1912, e ao tomo, anteriormente publi-

cado, em 1908, das suas *Lições de Clínica medica*. A physiologia do cerebello, cujo conhecimento em tanta parte se deve aos admiraveis estudos de Luciani, muito avançou egualmente com os trabalhos de Murri. E a neurologia moderna, pondo em evidencia numerosos factos novos nas syndromas cerebellares, encontrou nas lições de Murri sobre os tumores do cerebello numerosos elementos de observação, que o tempo não destruiu.

Em toda a obra clinica de Augusto Murri, de fim a fim, domina um vasto espirito de philosophia medica e tudo é pompa, elevação, fulgor. Através das brosladuras de ouro e daquelle perfume do saber antigo, espargido nessas paginas, em que esmerou a penna, tudo é força e precisão no dizer, como a confirmar a verdade do

Condorcet, que definiu o rigor da sciencia como “uma perfeita linguagem”.

No destino desse grande medico passou um dia o sopro da tragedia e um drama horrendo levou-lhe ao carcere filho e filha. Murri tomou por dever afastar-se então do ensino, em 1903. Foi quando, no dizer de um dos seus biographos, Arturo Castiglioni, o excelso medico, vencedor de tantos males, appareceu como um grande doente, “soffrendo uma dôr á qual ninguem poderia vir com o remedio.”

Mas passou a hora da tormenta e o frenesi das paixões. Não tardou que os discipulos o obrigassem a retornar a Bologna, beijando-lhe a fronte gloriosa, quando retomou a cathedra. Sua alma serena não ouvira a detracção, nem se contaminára pelo odio, que elle tão bem definira

como “a suprema miseria da alma humana”.

Não se lhe abatera com o soffrimento o ardor da sciencia e, volvendo ao scenario onde consummara a sua longa missão de professor, elle disse singelamente aos discipulos: “Bastarieis vós para manter viva no meu animo aquella fé na bondade dos homens, que em toda a minha vida nunca me abandonou”.

De facto, naquella mestre que apostolou a doutrina medica com tão admiravel exemplo, a grandeza do espirito, que tão alto mantinha as tradições do genio italico, se sublimou na força divina da bondade. Beberam-na em suas palavras, na luz do seu ensino e do seu consolo, quantos, seus alumnos ou doentes, delle se acercaram. Não poderia ser de outra forma.

A bondade acima de tudo e em todos os tempos. Fallando agora a futuros medicos, bem quizera eu mui a fundo entrar-lhes no animo com esta verdade. E não lhes saberei dar melhor lição do que recordando-lhes e encommendo-lhes, ao terminar, o admiravel dicto de Montaigne: *«Toute science est dommageable à celui qui n'a pas la science de la bonté»*.

ΤΕΛΟΣ

ACABOU-SE A IMPRESSÃO  
AOS 20 DE DEZEMBRO DE  
MCMXXXIII NAS OFFICINAS  
DA IMPRENSA NACIONAL.  
RIO DE JANEIRO.